

## O sublime e a arte segundo Schiller

Ana Karênina Trindade de Araújo<sup>62</sup>

### Resumo

Essa comunicação, pautada na obra de Friedrich Schiller, tem como objetivo geral investigar o conceito de sublime no que diz respeito a sua relação com a arte, de modo que possa abranger a relevância da discussão do conceito, durante o advento da inserção do mesmo no universo da arte, bem como suas relações diretas e ou indiretas com o mundo humano, de maneira que se possa confrontar com a discussão atual acerca do conceito aqui proposto. Pretende-se analisar a visão schilleriana, na perspectiva em que constitui um salto em relação com a disposição do conceito do sublime kantiano encarado apenas no âmbito da relação do homem com os fenômenos da natureza para oferecer a visão de como se dá o conceito de sublime em Schiller no universo da arte.

**Palavras-chave:** Sublime; Arte; Estética.

### Abstract

This communication, based on the work of Friedrich Schiller, aims at investigating the concept of the sublime as regards its relationship with art, so that it can cover the relevance of the discussion of the concept during the advent of the insertion of the same the art world, as well as their indirect or direct relationships and the human world, so that we can confront the current discussion about the concept proposed here. Intend to analyze the vision schilleriana in perspective what constitutes a leap in relation to the provision of the concept of the sublime Kant viewed solely in the context of man's relation to the phenomena of nature to offer a vision of how is the concept of the sublime Schiller in the art world.

**Keywords:** Sublime; Art; Esthetics.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estética e filosofia da arte. Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de filosofia, artes e cultura

Em 1791, Friedrich Schiller se dedica ao texto *À crítica da faculdade do juízo* de Immanuel Kant com o intuito de compreender os pormenores da visão estética kantiana, principalmente no que diz respeito ao conceito de sublime. O pensador, também poeta e dramaturgo, propõe, segundo a sua investigação do texto, novas formas de ler o sublime. Inaugurando uma perspectiva que avança na sua distribuição do conceito como sublime teórico, prático, contemplativo e patético. Tal divisão rendeu a Schiller o trabalho *Do sublime (por uma exposição ulterior de algumas idéias kantianas)* de 1792.

O trabalho que se pretende apresentar aqui, diz respeito, especificamente, àquilo que Schiller denomina de sublime patético e a sua ligação com o universo da arte trágica.

Apoiado na visão kantiana de que o sentimento do sublime acontece quando o sujeito se depara com um objeto de tamanha grandeza que não pode abarcá-lo pelo viés do entendimento, pois esse objeto é de tal modo grande que não há nada que se possa pensar que seja capaz de compará-lo. Schiller expõe o conceito da seguinte forma:

Sublime denominamos um objeto frente a cuja representação nossa natureza sensível sente suas limitações, enquanto nossa natureza racional sente sua superioridade, sua liberdade de limitações; portanto, um objeto contra o qual levamos a pior fisicamente, mas sobre o qual nos elevamos moralmente, por meio de idéias. (SCHILLER, 2011, p.21)

Nessa passagem reconhecemos, no pensamento de Schiller, um destaque da questão da liberdade moral do sujeito que se vê coagido pelas forças da natureza que podem lhe causar dano físico, mas que também lhe dá a oportunidade de construir uma elevação moral perante o mesmo objeto que o aflige.

Para o dramaturgo, a liberdade do sujeito se exerce pelo raciocínio e a sua dependência o aflige apenas enquanto ser sensível: “somos dependentes apenas enquanto seres sensíveis; enquanto seres racionais somos livres” (SCHILLER, 2011, p.21). O perigo que o sujeito teme o acomete apenas naquilo que diz respeito a seu eu físico. O homem, para Schiller, abarca em si duas dimensões análogas: a primeira é de bases físicas, que o prende como ser vivente as contingências da sua própria existência, como por exemplo o caso extremo e inevitável da morte; e a segunda seria a dimensão moral, aquela onde o sujeito, através do raciocínio, pode exercer a sua liberdade perante as forças da natureza. É

exatamente quando nos elevamos perante um perigo físico que entramos em contato com o sentimento de sublime.

A nossa independência perante as forças destruidoras da natureza se dá segundo as seguintes condições:

Do mesmo modo, mantemos por meio de nossa razão uma dupla independência da natureza: em primeiro lugar, na medida em que podemos ultrapassar as condições naturais (no que é teórico) e pensar mais do que conhecemos; em segundo lugar, na medida em que podemos passar por cima das condições naturais (no que é prático) e contradizer o nosso apetite através da nossa vontade. (SCHILLER, 2011, p. 23)

Essa liberdade do sujeito schilleriano é o que o faz livre perante as contingências do estar vivo. O homem, aqui, é aquele que sabe que para ele a morte é certa, mas que, mesmo diante de um objeto da natureza que possa por em risco a sua integridade física, opta por não correr apavorado, e permanece então, frente ao objeto, com uma postura de vencer seus limites físicos por meio da razão.

O sentimento do sublime ocorre “tão logo nosso estado físico sofra uma alteração que ameace determiná-lo no sentido oposto, a dor relembra o perigo, e o impulso de auto-conservação é por ela intimado a resistir” (SCHILLER, 2011, p.24). Após a resistência moral, o sujeito experimenta um prazer gerado pela “vitória moral”. Assim, o sentimento do sublime, engloba, em si, um misto de dor, terror, medo e prazer.

No caso específico, do sublime patético, o objeto que se apresenta ao sujeito é ele mesmo o próprio temor. O objeto, nesse caso, tem um poder pernicioso com relação à integridade do sujeito que com ele se depara. No caso de perigo iminente, como esse, a imaginação já não pode mais agir de maneira livre para então relacioná-lo ou não com o impulso de conservação. Nestes casos, o pensamento schilleriano adverte que a imaginação é obrigada a agir o mais rápido possível.

(...) além do objeto como poder é representado objetivamente para o homem também a sua temibilidade, o próprio sofrimento, e nada resta para o sujeito ajuizante senão fazer aplicação disso para o seu estado moral e gerar o sublime a partir do temível (SCHILLER, 2011, p. 40-41).

O que se observa aqui é que esse sofrimento, gerado por esse determinado objeto, não pode de maneira nenhuma ser efetivo. Pois, no caso de sofrimento efetivo a liberdade do sujeito se encontraria suspensa e a necessidade de não ser atingido fisicamente pelo objeto é que abre as portas para o juízo estético. Deste modo “o sofrimento só pode se tornar estético e despertar um sentimento de sublime quando é mera ilusão... ou criação poética” (SCHILLER, 2011, p. 48).

A criação poética oferece então as condições necessárias para que o sujeito seja capaz de vivenciar a dor, o sofrimento, o medo e a experiência da morte de maneira segura, conservando a sua integridade física com o auxílio da ficção própria do âmbito da arte.

As condições necessárias para o despertar do sentimento que Schiller chama de sublime patético são: “uma representação vivaz do sofrimento de modo a despertar o afeto compassivo com intensidade apropriada”; e “uma representação da resistência contra o sofrimento, de modo a chamar a consciência a liberdade interna do ânimo” (SCHILLER, 2011, p.51). Segundo tais condições, o objeto que se apresenta ao sujeito no primeiro caso se torna patético, pois se refere a uma dor ou um sofrimento de outro sujeito, o que despertaria então um afeto do tipo do compadecimento perante a dor do outro. No segundo caso, esse objeto se apresenta de modo patético, mas também sublime, devido ao fato de que a consciência do sujeito escolheu por agir de determinada maneira que o possibilitaria a liberdade interna do ânimo.

Schiller, como crítico do pensamento estético kantiano, reabre uma possibilidade do sentimento do sublime emergir com o auxílio da arte, mais precisamente da arte imagética. A arte aparece então como uma possibilidade viável do aparecimento do sentimento do sublime devido as suas características ficcionais e de não ser nunca a realidade e sim representação da realidade. A arte, como imitadora da natureza, não traz consigo as limitações que podem afligir a integridade física do homem. Ela antes é, em seu papel de imitadora da realidade, um caminho possível e seguro para o sujeito que, através da ficção pode “vivenciar” as contingências naturais da sua existência sem estar, na arte, preso a elas.

Já a sua imitadora da natureza, a arte imagética, é inteiramente livre, porque ela dissocia de seu objeto todas as limitações causais e deixa também o ânimo do seu observador livre, porque imita apenas a aparência, e não a realidade. (SCHILLER, 2011, p.74)

Essa arte imagética, que é capaz de representar a aparência da realidade de maneira tão intensa, que possa possibilitar ao sujeito um sentimento do tipo sublime, que conjuga em si um misto de dor e prazer, enquanto protege esse sujeito de um perigo real que poderia abalar a sua integridade física, Schiller vai remeter a arte trágica.

Para o pensador é na tragédia que o homem pode vivenciar de maneira intensa todas as faces da dor, do sofrimento, do terror e também a sensação de autonomia do sujeito pelo viés do seu eu moral perante a iminência da situação de morte por exemplo, que seria então o aniquilamento do seu eu físico pois a própria fundamentação da arte trágica trás em si os elementos fundamentais necessários para o surgimento de tais sentimentos. Os mesmos princípios para que aconteça o sentimento do sublime de modo patético, que são, a representação de maneira vivaz do sofrimento e a resistência perante esse sofrimento, que foi levado à tona pela liberdade consciente do sujeito que a internaliza no seu ânimo, são também as regras básicas da arte trágica.

Deste princípio seguem as duas leis fundamentais da arte trágica. Estas são: em primeiro lugar a apresentação da natureza que sofre; em segundo lugar, a apresentação da autonomia moral do sofrimento (SCHILLER, 2011, p.51).

A tragédia, aqui, implica o caminho para a consolidação daquilo que o pensador chama de sentimento do sublime de modo patético.

Enquanto as experiências estéticas, proporcionadas ao homem no âmbito da natureza ainda são grilhões que o sujeito não consegue se livrar efetivamente, no caso da tragédia a possibilidade de vencer a violência da natureza e até mesmo a iminência da morte, através do auxílio do eu moral ou da força da razão, abre-se uma oportunidade do homem sofrer, no universo da ficção, e assim poder vencer os limites da sua própria existência, com a ajuda de algo que lhe é bem próximo, a arte. Aqui, nos auxilia a letra de Pedro Sússekind:

(...) a cultura moral só pode destruir conceitualmente a morte por meio da arte que produz e intensifica a experiência do sublime (...) a tragédia, ao apresentar uma desgraça fictícia, pode pôr o homem em contato com a lei racional capaz de libertá-lo da casualidade natural, sem torná-lo indefeso, como acontece no caso da desgraça real (SÜSSEKIND, 2011, p.100).

É na experiência artística consolidada com tragédia que Schiller encontra o objeto prático para poder aplicar a conceituação do sentimento do sublime. Agora esse sentimento aparece libertado do âmbito da natureza e se coloca diante do homem conjugando uma relação possível no universo da arte que é uma criação humana e por isso lhe é tão próxima.

As conseqüências das declarações estéticas schillerianas sobre o conceito de sublime englobam uma noção de homem que é livre enquanto ser moral, que pensa possibilidades teóricas para o ultrapassamento das contingências infligidas pelas leis da natureza ao seu eu físico pelo caminho da razão.

Esse homem schilleriano, dividido entre eu físico e eu moral, se resguarda de ser atingido moralmente naquilo que o pensador adverte como “querer” e “liberdade”, forças que estão presentes neste mesmo homem que está fadado a morte. A força aqui entendida por querer é o que leva o homem a uma postura corajosa perante os perigos eminentes que as forças da natureza trazem para o sujeito. Porém, este homem que está diante de um fenômeno natural de magnitude incomensurável, também poderia aderir à opção de fugir e de proteger-se, o quanto antes do perigo que se apresenta diante dele. Antes disso, ele pode “querer” permanecer próximo desse objeto e utilizando-se da razão vencer o objeto pelo seu eu moral. Este homem que “quer” se possibilita, através dessa experiência, a consciência de que a natureza nunca poderá atingir o seu eu moral ou eu da razão. Ao vencer as forças da natureza no campo teórico, esse homem pode experimentar um sentimento de sublime.

Não podemos esquecer que para Schiller é somente quando o homem se encontra afastado dos perigos reais que ele pode ter uma experiência estética. E essa experiência, se for intensa o suficiente, pode ser representada ao homem pela arte trágica, lhe possibilitando o sentimento do sublime de modo patético. Nos esclarece melhor a passagem seguinte: “(...) a tragédia pode ser definida como a possibilidade de um símbolo de liberdade, ou uma encenação da idéia de liberdade, uma apresentação do que não é apresentável pelo entendimento” (SÜSSEKIND, 2011, p.100).

Para Schiller, a tragédia grega estava bastante distante de representar aquilo que ele pretendia pensar como “a perda do homem moderno”. O homem grego, ligado diretamente à natureza, sentia-se como parte do todo e acatava a vontade dos deuses junto com as forças opressoras dos objetos da natureza. Diferentemente do homem moderno, o homem grego não tinha a necessidade de encontrar a sua autonomia perante as forças da natureza por meio da sua razão. O que o pensador e dramaturgo percebe é que o homem moderno é capaz de

produzir uma tragédia que diz respeito a sua condição atual no mundo, uma tragédia que fale do seu tempo e de suas necessidades sem precisar recorrer aos objetos representados nas antigas tragédias gregas, tão distantes dos problemas enfrentados pelas condições do homem moderno no mundo. Quanto a isso nos fala Maria Del Rosario Acosta Lopez, cito:

A razão condena o homem a um exílio ao mundo dos sentidos: já a tragédia, justamente é encarregada de pô-lo em cena(...) os gregos não viam a necessidade de opor sua autonomia, sua racionalidade, a necessidade, a vontade dos deuses e das forças da natureza, na medida em que também eram uno com ela(...) (LOPEZ, 2007, p. 5).

A experiência de estar no mundo, vivida pelo homem moderno, possibilita a criação de um tipo de herói que sucumbe e padece perante as forças agressoras da natureza. Porém, esse sucumbir do homem moderno, lhe dá possibilidade de encarar uma luta pela afirmação da sua própria liberdade.

O sublime que é, na perspectiva schilleriana, consequência de uma luta travada entre a razão e a sensibilidade, proporciona, para o homem moderno, a sua independência moral tendo em vista as forças violentas da natureza. É na consciência da distância existente entre a racionalidade e a sensibilidade que este homem moderno afirma a sua liberdade. O que pode ocorrer na contemplação do sofrimento e da dor existentes nesta luta de forças.

Sobre a perda da ingenuidade no homem moderno e a sua necessidade de lutar por uma reafirmação que lhe dê liberdade a letra de Lopez nos auxilia:

O sublime se apresenta em Schiller como um diagnóstico da época presente, como uma encenação do drama da existência moderna que havia perdido a ingenuidade, que havia descoberto em sua finitude, que havia visto que os deuses fugiram do mundo e que vê esta perda como algo inadmissível, inaceitável, como uma excisão que deve de algum modo ser superada: por isso a luta, por isso o trágico, por isso a necessidade de reafirmar-se em sua liberdade. (LOPEZ, 2007, p.6)

Concluimos então, segundo as passagens recortadas dos textos aqui expostos, que a noção de sublime, segundo Schiller, está diretamente atrelada a essa necessidade do homem moderno, que se vê só no mundo, sem o amparo dos deuses, de afirmar-se perante as forças inevitáveis da natureza, que o aflige de maneira direta uma espécie de superação que possibilita a esse sujeito uma liberdade moral pela razão.

## Referências

LOPEZ, Maria Del Rosario Acosta, Tragédia y modernidad en La teoría sobre lo sublime de Friedrich Shiller. Caracas: Episteme. v.27, nº2. Dez/2007

SCHILLER, F. *Do Sublime ao trágico*. Tradução e ensaios de Pedro Sússekind e Vladimir Vieira. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

SÜSSEKIND, P. O ensaio schilleriano. In: SCHILLER, F. *Do Sublime ao trágico*. Tradução e ensaios de Pedro Sússekind e Vladimir Vieira. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.



## Percepção Pública da Ciência e sua relação com o Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC): Um estudo sobre o Município de São Carlos- SP

Bárbara Pacheco Lopes<sup>63</sup>  
Joana Brás Varanda Marques<sup>64</sup>  
Denise de Freitas<sup>65</sup>

### Resumo

O presente trabalho busca retratar a percepção pública da Ciência no município de São Carlos – SP e sua relação com o Centro de Divulgação Científica e Cultural da cidade, o CDCC. Esta pesquisa surge a partir da constatação de que há uma crescente presença da ciência na vida dos indivíduos e sociedades, em distintos e variados cenários, mas que não é acompanhada por uma participação de todos os cidadãos nos processos de tomada de decisões relacionadas à temática da Ciência e Tecnologia (C&T). Numa perspectiva CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade, e na defesa da necessidade de uma alfabetização científica para todos, entendemos que os museus e centros de ciências, por se constituírem como importantes instituições reconhecidas no cenário da divulgação científica, e que mantém especial relação com as comunidades escolares, podem assumir um papel ainda mais preponderante ao terem a possibilidade de dialogar com um público amplo. Os objetivos deste trabalho foram: i) identificar se a população percebe a presença da ciência em seu cotidiano e de que maneira a representa; ii) entender como a população se relaciona com o CDCC e em que medida o Centro contribui para a compreensão de assuntos em C&T e de questões cotidianas. Entrevistamos 385 pessoas entre maio e dezembro de 2011, e, para análise quali-quantitativa dos dados provenientes do protocolo de questões, utilizamos análise de conteúdo e estatística relacional e descritiva. De um modo geral, a maior parte da população de São Carlos percebe a presença da ciência em sua vida cotidiana de diversas formas e a retrata como a grande responsável pela melhoria da vida humana. Grande parte dos entrevistados conhece o CDCC e este contribui para a compreensão de assuntos sobre C&T. Ainda assim, é possível perceber que a probabilidade de conhecer o CDCC cresce com o aumento da renda e para níveis de escolaridades mais elevados.

**Palavras-chave:** Percepção Pública da Ciência; Museus e Centros de Ciências; Centro de Divulgação Científica e Cultural – CDCC; Perspectiva CTS; Alfabetização Científica.

### Abstract

In this work, we draw a picture of the perceptions towards science and the Center of Scientific and Cultural Dissemination (CDCC) of the population of São Carlos – SP. This research is motivated by the observation that there is an increasing presence of science in the life of individuals and societies, in varied and different scenarios, but that this is not accompanied

---

<sup>63</sup>Licencianda em Ciências Biológicas na UFSCar;

<sup>64</sup>Mestranda em Educação – Programa de Pós Graduação em Educação da UFSCar;

<sup>65</sup> Professora Associada do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSCar – Bolsista PQ do CNPq.

by the participation of all citizens in decision-making related to Science and Technology (S&T). Through a Science, Technology and Society (STS) perspective, and in defense of the need for scientific literacy for all, we see museums and science centers as institutions of recognized importance in the scenario of scientific dissemination that maintain special relations with school communities and can play an even greater role through the possibility of engaging with a wide audience. The objectives of this study were: i) to identify whether the population perceives the presence of science in their daily lives and how science is represented in it ii) to understand how the population relates to the CDCC and the extent to which the centre contributes to the understanding of S&T topics and issues arising day-to-day. 385 people were interviewed between May and December 2011. For qualitative analysis we used content analysis and for quantitative analysis we used relational and descriptive statistics. In general, most of the population of São Carlos perceives the presence of science in their daily lives in many ways, and sees it as a main contributor to the improvement of human life quality. Most respondents know the CDCC and this Center contributes to the understanding of C&T issues. Still, it is possible to see that the probability of knowing the CDCC grows with greater incomes and higher levels of education.

**Keywords:** Public Understanding of Science, Museums and Science Centers; Centre for Scientific and Cultural Dissemination- CDCC; STS Perspective; Scientific Literacy.

## 1. Introdução e Referencial Teórico

Em uma sociedade cada vez mais tecnocrática e de grande circulação de informações, a validade que a ciência dá aos seus produtos e processos e a falsa noção de sua neutralidade e superioridade -- presentes no imaginário social -- dificulta a o estabelecimento de reflexões críticas sobre seus impactos e, ainda, sobre seus modos de produção e interesses. Além disso, tal concepção acaba por inviabilizar a tomada de decisões referentes a C&T que se voltem ao bem estar social. Autores como Gil e Vilches (2006) e Santos e Mortimer (2002) evidenciam que a grande influência da ciência nos mais diversos aspectos da vida humana fomenta o estabelecimento de mitos que contribuem para a manutenção de uma lógica cientificista e excludente.

Como já pontuado em trabalhos anteriores (LOPES *et al.* 2012), entendemos as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade como indissociáveis na definição de políticas públicas democráticas relacionadas ao desenvolvimento da C&T e defendemos que a educação e comunicação científicas devam contribuir na superação das desigualdades culturais, sociais, políticas e econômicas, inerentes as sociedades capitalistas. Acreditar que a ciência e a tecnologia resolverão todo e qualquer problema que seu próprio desenvolvimento crie ou que C&T avancem sempre para a melhoria da humanidade, não é incomum, tampouco é benéfico ou verdadeiro. A lógica de um mundo globalizado e com o imperativo do

desenvolvimento vinculado a “mais C&T” ao invés de uma C&T que possa, atrelada à sociedade, contribuir de fato para seu bem-estar, faz com que o olhar crítico e os pressupostos do movimento CTS, segundo Pinheiro et al. (2007), continue a ganhar adeptos em diversos setores da sociedade, especialmente na educação científica. Neste sentido, a respeito do debate sobre a alfabetização científica, Leal e Gouvêa (1999) consideram que esta tem o objetivo de proporcionar ao público uma apropriação da C&T com base em saberes adquiridos em contextos diversos, fomentando de tal sorte, o ensino de ciências na perspectiva CTS e sua capacidade interdisciplinar e, ainda, possibilitando a construção de uma visão crítica sobre a ciência (LEAL; GOUVÊA, 1999).

Dentre as possibilidades de acesso a ciência, os museus e centros de ciências, segundo Silva e Chaves (2005), vêm adquirindo relevância, ao longo das últimas décadas, no processo educativo de considerável alcance popular, pois os visitantes destes espaços são pessoas de todas as idades que buscam lazer, entretenimento, informação ou descanso, e que podem aprender e refletir durante a visita. Nesse sentido, São Carlos conta com o CDCC, espaço reconhecido como referência no âmbito da divulgação científica para a cidade e para toda a região. Segundo dados oficiais, o Centro é visitado anualmente por aproximadamente 79 mil pessoas (CDCC, 2010). Desde a sua criação, em 1981, pela aresta da extensão universitária da Universidade de São Paulo - USP, o CDCC vem desenvolvendo atividades, projetos e exposições que propiciam um maior contato do público com a ciência e a tecnologia por meio de exposições temáticas e um acervo permanente que conta com experimentos interativos no campo da física, química e biologia, além de uma biblioteca, laboratórios, auditórios para exibição de filmes, teatros, palestras, cursos dentre outros. No entanto, visto que as atividades de divulgação científica realizadas são direcionadas prioritariamente para o público escolar, para o qual o Centro adéqua sua linguagem e projeta a maior parte de seus experimentos e exposições, nem sempre os demais segmentos da população se beneficiam deste espaço (PRUDÊNCIO, 2009). Esse estudo reconhece a importância do trabalho realizado pelo CDCC com a comunidade escolar e pretende contribuir para um maior entendimento sobre a relação que o público em geral mantém, ou não, com este espaço de divulgação do conhecimento científico.

Para tal, realizamos um estudo de percepção amplo e representativo com a meta global de investigar a percepção que a população de São Carlos possui sobre a ciência e sobre o papel dos museus e centros de ciências na aquisição dos conhecimentos científicos e na sua vida